

## HOMEOPATIA E MEDICINA:

### Relações Sociais entre Práticas de Cura em Porto Alegre, Início do Século XX

*Prof. Dra. Beatriz Teixeira Weber*

*Universidade Federal de Santa Maria – Brasil*

É impressionante como não há nada publicado sobre a História da Homeopatia no Rio Grande do Sul. É uma área que não mereceu nenhuma atenção por parte do público acadêmico, mesmo com a ampliação e diversificação de práticas de cura atualmente. Esta constatação gerou a preocupação em entender esse silêncio, descortinando uma das novas áreas de pesquisa a ser explorada, para que se resgate uma importante organização ocorrida no estado do Rio Grande do Sul, que não teve nenhuma visibilidade até agora.

Essa pretensa inexistência da homeopatia é um fato recorrente, principalmente nas publicações dos médicos. Os textos publicados por médicos no Rio Grande do Sul evitam tratar da prática homeopática, como se ela não existisse. Após a regulamentação da medicina, ocorrida através de um decreto federal de 1932, os médicos procuraram desqualificar todos os médicos que não tiveram seus diplomas reconhecidos em instituições autorizadas. Após um período de implantação do regulamento que proibia o exercício aos que não tivessem diploma reconhecido, uma publicação consolidou a perspectiva dos médicos alopatas na região, quando esses médicos escreveram “a” história da medicina no Rio Grande do Sul, em 1944. A publicação **Panteão Médico Riograndense**<sup>1</sup> traz textos sobre como teria sido a história da medicina e pequenas biografias de todos os médicos que atuavam no estado. O livro não faz referência a nenhuma prática homeopática, provavelmente porque a história dos que “trunfaram” podia excluir os “perdedores” como se eles nunca tivessem existido.

Mesmo assim, alguns tiveram que registrar a presença desses praticantes:

“Sobretudo aqueles que se dedicam à homeopatia dispõem de vasta clientela, mesmo na capital. Para as moléstias das crianças, especialmente, gozam eles das preferências de uma grande parte do público, desconfiado da alopatria e crente na excelência da terapêutica de Hahnemann na clínica pediátrica”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> FRANCO, Álvaro, RAMOS, Sinhorinha Maria. **Panteão Médico Riograndense: síntese cultural e histórica**. São Paulo: 1943.

<sup>2</sup> BEM, Balthazar de. **Esboço de Geographia Medica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1905, p. 17. AFMRS - Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. A ortografia dos textos foi atualizada para facilitar a leitura.

A presença da homeopatia na história do Rio Grande do Sul não pode mais ser ignorada, apesar das dificuldades que as fontes produzidas pelos próprios médicos podem nos oferecer. Há vários indícios da organização da homeopatia no Estado. A Faculdade de Medicina Homeopática foi fundada em março de 1914, com a participação do padre Landell de Moura e dos doutores Bueno Goulart, Vieira Pires, Sabino Mena Barreto e Ignacio Capistrano Cardoso compondo o corpo docente<sup>3</sup>. A fundação de uma instituição desse tipo indica a presença de homeopatas com interesse em sua organização. Em 1942, foi fundada a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul, que teve como primeiro presidente David Castro e o desembargador Nésio de Almeida a seguir. Esses dados são encontrados na publicação do volume 3 da Biblioteca da Liga Homeopática (“Homeopatia: Terapêutica Positiva”), que já possuiria duas outras publicações (volume 1. “O que é Homeopatia” e volume 2. “Esculápio na Balança”)<sup>4</sup>.

A quantidade de informações nos periódicos sobre a homeopatia também indica uma presença importante: a “Pharmacia Homeopathica Ignacio Cardoso”, que possuía remédios como os homeopáticos 606 e 914; notícias sobre o “Laboratório Homeopathico de Luiz Koehler”, onde se obtinha os “específicos” de número 1 a 70 e que enviava o “médico de família” gratuitamente; uma revista, etc<sup>5</sup>. Nesse quadro, é fundamental que se resgate uma prática de cura com uma presença significativa porque ela foi importante para as pessoas envolvidas, que construíram perspectivas para essas atividades, depositando valores, esperanças e uma determinada organização.

Esses indícios indicam a presença da homeopatia no estado, apesar dos interesses dos médicos. O contexto anterior ao período em que a homeopatia foi desqualificada ajuda a compreender a acirrada atitude dos médicos alopatas tentando anular quaisquer outras práticas. O Rio Grande do Sul é um estado privilegiado para esta análise porque os governos positivistas implantaram uma abordagem diferenciada dos demais estados no Brasil. A Constituição estadual de 1892 garantia o livre exercício profissional sem exigência de formação profissional. A medicina acadêmica não tinha privilégios diferenciados das demais práticas de cura durante os quarenta primeiros anos da República. Esta situação gerou diversos conflitos entre membros do governo estadual e médicos formados e atuantes na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

---

<sup>3</sup> Jornal A Noite, Porto Alegre, 2 mar 1914, p. 1. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – MCSHJC.

<sup>4</sup> CASTRO, David. **Homeopatia: Terapêutica Positiva**. Porto Alegre: Liga Homeopática do Rio Grande do Sul, 1944. Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul – BPRS.

<sup>5</sup> Jornal Gazeta do Comércio, Porto Alegre, 21 ago 1902, 29 jan 1903; Almanach do Correio do Povo, Porto Alegre, 1916. p. 87. Arquivo Edgar Leuenroth – AEL.

Essa análise foi realizada na tese de doutorado intitulada **As Artes de Curar - Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense - 1889/1928**<sup>6</sup>. Nesse estudo, percebeu-se a convivência de práticas de cura diferenciadas ao longo do período estudado, sendo que a medicina acadêmica disputava espaço e respeitabilidade com diversas outras práticas, como a homeopatia, o espiritismo, curandeiros, parteiras leigas, etc. Muitas vezes, a medicina acadêmica saía perdendo porque se apresentava agressiva e sem solução para boa parte dos problemas que os usuários apresentavam<sup>7</sup>.

A disputa em torno das divergências políticas dos médicos e do governo chegou a favorecer que a matrícula dos alunos da Faculdade Homeopática fosse transferida para a Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, em fevereiro de 1915, quando esta foi organizada. O episódio da fundação da escola relacionou-se com a retirada dos professores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1907, após uma intervenção federal na escola. A intervenção ocorreu para decidir sobre a suspensão de alunos que participaram de uma passeata, contrários a reprovação de um colega na defesa de seu trabalho final de curso<sup>8</sup>. O jornal *Gazeta do Comércio* afirmava que o governo estadual propunha a fundação de uma nova faculdade de medicina, com os professores que renunciaram aos cargos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

A Escola Médico-Cirúrgica foi mal vista pelos médicos formados do Rio Grande do Sul, provavelmente por afirmar-se partidária aos princípios governamentais e por utilizar práticas que eles procuravam desqualificar, como a homeopatia. Ela foi fechada logo após a regulamentação do exercício profissional, em 1932, quando uma comissão avaliou que ela não atendia às “condições formais” para funcionar<sup>9</sup>. Aqui se repete o fenômeno em relação à homeopatia, os médicos não fazem referência a essa escola nas várias publicações que organizaram sobre a história da medicina no Estado. Isso sugere, claramente, que a Escola Médico-Cirúrgica

---

<sup>6</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. Campinas: Tese de Doutorado em História Social do Trabalho/UNICAMP, 1997.

<sup>7</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. “Ciência e Magia: ambiguidades na História da Medicina” In: **Ciência & Ambiente 14**. Santa Maria: Editora da UFSM, jan/jun 1997. p. 51-62.

<sup>8</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar. Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense, 1889-1928**. Santa Maria/Bauru: Editora da UFSM/EDUSC, 1999, p. 104-112.

<sup>9</sup> Em 1931, a Escola não foi considerada idônea para expedir guias de transferência para outras escolas porque não se habilitou de acordo com as instruções baixadas pelo Ministério de Educação e Saúde Pública. A Escola considerava-se livre, não tendo que se submeter aos desígnios da União. Mas houve tentativas para obter a fiscalização e reconhecimento da escola, principalmente aos decretos relacionados a regulamentação do exercício profissional. Após várias tratativas, foi feito um acordo para transformação da Escola numa Faculdade de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia, não seria mais um curso de medicina. Arquivo da Faculdade de Medicina – AFAMED. WEBER, Beatriz Teixeira. “Medicina, Terapêutica e Política: Uma História de Profissionalização”. Relatório da FAPERGS, 1999.

concentrou os interesses do governo na manutenção do princípio de liberdade profissional, não tendo o respaldo dos demais médicos formados.

Mas, afinal, o que é a homeopatia e como chegou ao Brasil? A homeopatia é uma doutrina médica criada por Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, médico alemão que viveu de 1755 a 1843. Ele dizia-se desgostoso com as incertezas da medicina, na qual ele não encontrava um princípio qualquer para guiar a administração dos remédios no tratamento das moléstias. Profissionalmente conceituado, Hahnemann insurgiu-se contra os postulados e os métodos de terapia da medicina do seu tempo, em que os tratamentos à base de sangrias, ventosas e outras formas tóxicas violentas, e a ingestão de medicações sintomáticas, como os vomitórios, diuréticos, hipnóticos, etc., compunham uma prática muitas vezes perigosa para o paciente.

Em 1790, ele formulou o princípio básico em que repousaria a terapêutica homeopática, de que um doente qualquer deve ser tratado com o medicamento capaz de produzir no corpo são um conjunto de sintomas e sinais semelhantes aos do que ele apresenta. Os princípios foram desenvolvidos e, em 1810, publicados no seu livro-mestre, **Organon da Ciência Médica Racional** (nome que foi mudado, na segunda edição, em 1819, para **Organon da Arte de Curar**) ou **Exposição da Doutrina Médica Homeopática**. Neste livro, o autor discute a teoria homeopática e demonstra seus fundamentos científicos e filosóficos, dá regras para o exame dos doentes, para a escolha dos remédios e para a análise da experiência dos medicamentos no corpo. Após essas obras, diversas outras foram publicadas, constituindo outros elementos da sua proposta. No Brasil, só foi publicada uma tradução em 1963<sup>10</sup>. Sua doutrina procurava restabelecer o estado de equilíbrio entre a força vital e o organismo, com a ingestão de uma substância em doses infinitesimais, visando a curar o paciente como um todo e não apenas o vetor da doença. Defendia a idéia da existência de um princípio vital, não comprovável empiricamente por ser imaterial, mas que seria a causa explicativa da atividade que anima todo o organismo. A força vital seria o princípio intermediário entre o corpo físico (princípio material) e o espírito (princípio espiritual) que os ligava. O estado de saúde seria aquele em que o funcionamento do corpo e do espírito se fizesse harmoniosamente, em equilíbrio com a força vital; o estado de doença seria justamente a perda dessa harmonia<sup>11</sup>.

Hahnemann foi perseguido por seus colegas médicos, cujas doutrinas e métodos de tratamento ele condenava. Retirou-se de Leipzig para Anhalt-Coethen, onde atuou através de sua proposta, atingindo uma clientela razoável. Faleceu em 1843, com 88 anos. Os discípulos

---

<sup>10</sup> CAIRO, Nilo. **Guia de Medicina Homeopática**. 21 ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1980.

formados ao longo de sua atividade aprenderam na Universidade de Leipzig e fundaram as primeiras revistas médicas homeopáticas e os primeiros grupos organizados. Espalhou-se pela Europa, através da Áustria e Itália, com a atuação de figuras importantes em cada um dos países, chegando até os Estados Unidos<sup>12</sup>.

No Brasil, a medicina homeopática começou a sua propaganda sistemática através do Dr. Bento Mure, médico francês que se instalou no Rio de Janeiro em 1840. Foi angariando novos adeptos através da divulgação dos seus princípios. Em 1843, houve a fundação do Instituto Homeopático do Brasil e, em 1845, foi fundado um Curso de Homeopatia, que teve seus certificados reconhecidos pelo governo, ambos no Rio de Janeiro<sup>13</sup>.

Um dos únicos estudos mais recentes no Brasil sobre a história da homeopatia é o da antropóloga Madel T. Luz<sup>14</sup>, que a classifica em diferentes períodos. O primeiro deles foi denominado de implantação e vai de 1840, ano da chegada de Benoit Mure, até 1859, com a entrada em funcionamento do Primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil. A autora caracteriza o período pela predominância da propaganda homeopática em todos os níveis, com a provocação de grandes debates e polêmicas na imprensa, na Academia de Medicina, nas Escolas Médicas (do Rio de Janeiro e da Bahia) e nos poderes públicos.

O segundo período seria de expansão-resistência, de 1860 a 1882, assinalado como de interiorização geográfica e aceitação popular da homeopatia. Mantinha-se a polêmica anterior, a prática legitimava-se junto à população e conquistava alguma oficialização, através de dispensários, enfermarias e consultórios, seja na Santa Casa, em hospitais de ordens religiosas e militares, e em serviços particulares. Eram médicos brasileiros convertidos à homeopatia, pertencentes aos grupos de médicos existentes no Brasil. Nesse período, introduziram-se cadeiras homeopáticas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e desistiu-se da Escola Homeopática. Outra característica é a associação do espiritismo à história da homeopatia, como práticas exercidas, muitas vezes, em um mesmo espaço.

O terceiro período é de resistência, de 1882 a 1900, com a derrota institucional da homeopatia, retirada das instituições médicas. O Instituto Hahnemannia fenece, só vindo a ser reaceso em 1900, mantendo-se a prática homeopática cotidiana, com os reveses do cerco que as instituições médicas moveram contra essa prática.

---

<sup>11</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da Elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 82-86.

<sup>12</sup> CAIRO, Nilo. Op. Cit.

<sup>13</sup> Idem, pp. 38-53.

<sup>14</sup> Toda a classificação a seguir é de LUZ, Madel T. **A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças. História Social da Homeopatia no Brasil**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

O período áureo foi de 1900 a 1930, utilizando uma qualificação do memorialista homeopata Emygdio Galhardo, atribuído a momento similar (1912-1930). É o período de grande expansão popular da homeopatia no Brasil, sobretudo nos centros urbanos, e pela oficialização do ensino médico homeopático, obtido com a criação de duas faculdades de Medicina de Homeopatia, uma no Rio de Janeiro e outra no Rio Grande do Sul, além da criação de um hospital ligado à faculdade no Rio e a criação de ligas de homeopatia em vários estados do país. Em 1926, é realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopatia, no Rio de Janeiro, em cujos Anais se edita a História da Homeopatia de Emigdio Galhardo.

Os períodos posteriores são considerados de declínio acadêmico, de 1930 a 1970, e de retomada social da homeopatia, de 1970 a 1990. A partir de 1930, houve um grande silêncio da medicina oficial sobre a homeopatia, foi a fase de expansão das grandes indústrias farmacêuticas e do modelo de atenção médico-hospitalar, que, provavelmente, diminuíram a inserção social que a homeopatia possuía.

Recuperando a situação do final do século XIX, na década de 1880, a homeopatia já teria se consolidado como uma perspectiva de cura no Brasil. Sua legitimidade passava pela insistência de que fosse adotada a obrigatoriedade do ensino formal dessa prática, defendida pela Academia Médico-Homeopática e pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil.

A partir de 1860, passou a ser frequente a relação entre homeopatia e espiritismo no Rio de Janeiro e na Bahia. Muitos médicos atuavam com a homeopatia apenas como doutrina médica; contudo, outros se converteram ao espiritismo, utilizando a homeopatia como um veículo para a prática da caridade, proposta pelo movimento espírita. Haveria semelhança entre os conceitos de Hahnemann e de Allan Kardec, organizador da doutrina espírita, facilitando a adoção como forma preferencial de tratamento de saúde pelos espíritas<sup>15</sup>. Essa parece ter sido uma prática bastante comum no início do século XX, quando a coexistência de uma perspectiva médica e de uma perspectiva mística não seria conflitante, mas tal amálgama tornou-se rapidamente inviável à medida que a medicina procurava construir-se como a única alternativa *científica* nas práticas de cura, inclusive eliminando da história as outras práticas. Entretanto, essa associação entre homeopatia e prática espírita merece mais atenção para o período estudado, apesar de não ser o objeto deste artigo. Os homeopatas procuraram a separação entre

---

<sup>15</sup> DAMAZIO, Sylvia F. Op. Cit., p 86-89. GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 76-78.

a doutrina médica e a prática religiosa no início do século XX, pois foram alvo de inúmeros ataques por parte da medicina formal<sup>16</sup>.

As diferenças entre as perspectivas que orientavam os diversos médicos no Rio Grande do Sul podem ser percebidas pelas teses defendidas nas escolas de medicina. Há dois discursos antagônicos no campo da medicina: o defendido pela medicina oficial, que se baseava no racionalismo e no mecanicismo e o sustentado pela medicina homeopática, inspirado no vitalismo.

Os princípios da medicina oficial (também hoje chamada biomedicina) do século XX foram lançados no século XVII e foram aprofundados nos séculos subsequentes. Foram construídos com uma visão do corpo como uma máquina possível de ser estudada cientificamente, através das leis da física. Os estudos de anatomia e de nosologia permitiram a classificação das doenças a partir da observação dos sintomas. O corpo seria a sede das doenças que podem ser classificadas e catalogadas<sup>17</sup>.

A medicina homeopática, por sua vez, deriva das teorias vitalistas do século XIX, como o mesmerismo, o animismo e o espontaneísmo. Nascida como contraponto à medicina oficial, no sistema homeopático, o doente é o centro, não a doença. Embora partilhando alguns elementos da medicina oficial, como a fisiologia e a anatomia, a homeopatia propunha encontrar o medicamento que, tendo o efeito semelhante, iria promover o equilíbrio e restaurar a saúde do indivíduo, tendo em vista a particularidades dos doentes<sup>18</sup>.

Percebe-se a diferença nos sistemas médicos através da análise de duas teses aprovadas, indicando que não havia uma posição comum que todos adotassem. Numa dessas teses, defendida em 1918<sup>19</sup> na Universidade Internacional de Medicina, no Rio de Janeiro, o autor descrevia as formas de tratamento de cada um deles.

---

<sup>16</sup> BERTOLLI FILHO, Cláudio. "Homeopatia e Espiritismo: em torno do imaginário social" In: **Revista de Homeopatia** v. 55, n. 3. São Paulo: Associação Paulista de Homeopatia, jul-set 1990. pp.72-78.

<sup>17</sup> SIGOLO, Renata Palandri. "Em Busca da "Sciencia Medica": tentativas de legitimação da medicina homeopática. Belo Horizonte: Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de História, 1997.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> LEHNEMANN, Arthur. **Sobre Medicina Allopathica e Homoeopathica**. Porto Alegre: Livraria Americana, 1918. AFMRS. O levantamento foi realizado na atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo-se encontrado referência a três teses, que constam como editadas em Porto Alegre. A edição na cidade deve ter sido responsável pela presença da tese no Arquivo da Faculdade, mesmo sendo de uma universidade do Rio de Janeiro. Não se conhece nenhuma referência sobre a Universidade Internacional de Medicina (ou Universidade Internacional de Medicina Psychica, como também consta na capa. A terceira referência de tese que teria sido defendida em Porto Alegre não foi encontrada.

O autor afirmava ter um Laboratório Industrial e que já clinicaria a 14 anos, quando resolveu cursar a Academia Internacional, que seria reconhecida pelo governo e com valor jurídico. Há uma dedicatória do autor, de 1919, para a Federação, o mais importante jornal republicano do Rio Grande do Sul. Argumentava que seu trabalho seria

“... somente para cumprir uma das formalidades do regulamento e porque, quem quer ser médico, tem que dar uma satisfação ao público e particularmente aos amigos, do que sabe e das atribuições que tem como clínico, cumprindo um dever com a sociedade.”<sup>20</sup>

Seu trabalho apresenta os sistemas alopático e homeopático como antagônicos. O sistema alopatia seria “organicista ou positivista”, baseado no dogma “contraria contrarius curantur”; o sistema homeopático seria vitalista, baseado na lei fundamental “similia similibus curantur”. Na alopatia, a medicação produziria efeitos contrários às condições anatômicas e fisiológicas apresentadas pelo paciente quando doente, sendo que essas condições se incompatibilizariam e se neutralizariam com a medicação. Na homeopatia, a medicação teria a propriedade de fazer desaparecer uma moléstia natural a qual mais se assemelhasse. A causa das moléstias seria uma alteração primitiva do dinamismo vital do indivíduo, que seria restabelecido através de doses infinitesimais da medicação, para que atuasse sobre o que há de imaterial no organismo. O medicamento teria mais ação quanto mais ele fosse atenuado.

A simpatia do autor recaía sobre a alopatia, concluindo: “enfim, a medicina homeopática é de efeito duvidoso fora das mudanças de regime que prescreve e toma de empréstimo à medicina propriamente dita: é apenas uma medicina expectante”<sup>21</sup>. As diferenças apontadas, segundo ele, seriam suficientes para aceitar como mais eficaz a proposta alopática, apesar de considerar que o sistema homeopático tem adeptos e deveria ser cercado de respeito e consideração, “... pelos importantíssimos métodos que inconscientemente introduziu nas ciências especulativas médico-cirúrgica e pelas numerosas vidas que foram poupadas, depois de sua descoberta até hoje”<sup>22</sup>.

Levando em consideração as afirmações feitas no início da tese, o autor não tinha maiores comprometimentos com os dois sistemas. Ele afirmava-se republicano, provavelmente adepto das idéias de Augusto Comte. Mesmo assim, sua preferência recaiu sobre a alopatia. A construção de sua tese justificaria a supremacia do sistema alopático, apesar dos seus respeitos

---

<sup>20</sup> LEHNEMANN, Arthur. Op. Cit., p. 4.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem, p. 26.



pela homeopatia. Precisando adaptar-se ao sistema acadêmico formal, o autor optou pela perspectiva mais amplamente aceita pelos médicos, evitando polêmicas.

Uma outra tese, de 1917, é de um gaúcho, neto de Antonio Cabeda Silveiro, que teria introduzido a homeopatia no Rio Grande do Sul, segundo a homenagem que o autor presta quando apresenta seu trabalho. A obra foi defendida na Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, constando da banca os doutores von Bassewitz, Granja de Abreu e Virgínio Martins, tendo sido aprovada “conforme os estatutos”. É um texto pequeno que procura apresentar a obra de Hahnemann e os princípios básicos da homeopatia. Faz uma rápida capitulação da gloriosa história da medicina, que estaria prejudicada:

“Infelizmente, depois de tantos sacrifícios e acurados estudos por parte dos homens mais notáveis que a história nos apresenta, a medicina, a par de tantos e múltiplos sistemas inovados e praticados, em relação à arte de curar os males que afligem a humanidade sofredora, nada tem produzido: é como um edifício em ruínas que desaba aos poucos e que o ecleticismo se encarregará de entregá-la à ação funesta do sincretismo”<sup>23</sup>.

O autor não esclarece o significado dos termos utilizados na sua crítica. Apenas enuncia seu desconsolo com uma área que considera fragilizada. Sua proposta resgata a anatomia como uma parte positiva da medicina, mas que estaria relegada a atividade de ciência auxiliar. Resgata a terapêutica e a matéria médica como princípios e lacunas que precisariam de uma lei que lhes completasse a missão para que não asfixiassem seus adeptos. Sua proposta é que a homeopatia fosse essa lei que rege a medicina:

“A Homeopatia não faz parte das luminosas idéias que nasceram e tombaram com a mesma rapidez com que se tinham entronizado; seus resultados não brilharam por instantes nem eclipsaram nas trevas insondáveis do esquecimento.

Praticada todos os dias, se bem que inconscientemente, pelos próprios que a agridem e negam, a homeopatia, dia a dia, vem conquistando numerosos adeptos, graças as suas leis que constituem o farol luminoso da verdade”<sup>24</sup>.

Sua proposta apresentou a vida gloriosa de Hahnemann, que “com o clarão da sua inteligência, iluminou o caminho da ciência e desvendou o segredo da verdade”. E apresentou os três princípios da homeopatia, o dinamismo vital, a lei dos semelhantes e as doses infinitesimais. Sua perspectiva não se apresenta como religiosa, mas técnica, mesmo que acreditando num princípio vital que animaria todos os seres. A proposta entende-se como científica, sem discutir

---

<sup>23</sup> SILVEIRO, Antonio Cabeda. **A Homoeopathia**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1917, p. 8. AFMRS.

<sup>24</sup> Idem, p. 11.

qualquer outra perspectiva. A legitimidade do texto procura ser construída segundo critérios de racionalidade. Ou, talvez, outros critérios que não estão ali colocados.

A tese foi produzida no contexto do Rio Grande do Sul, apontado acima. O autor não parece preocupado em justificar seu discurso. Aceita a proposta baseada num desengano da sua consciência com o seu avô. Na situação apresentada, a Escola Médico-Cirúrgica apresentava-se plenamente garantida pelo governo do estado. Entretanto, não se encontrou outra tese que tratasse da temática para a defesa dos trabalhos de conclusão de curso da Faculdade de Medicina de Porto Alegre ou para a Escola Médico-Cirúrgica. Provavelmente, apenas os adeptos mais fervorosos, plenamente convencidos da validade dos princípios defendidos, é que se arriscariam na defesa de uma tese de conclusão de curso de um tema que poderia ser polêmico.

As relações de disputa por legitimidade, estabelecidas entre medicina alopática e homeopática, foram conflituosas e difíceis no início do século XX. Tão difíceis que a versão oficial procurou eliminar a homeopatia como uma área competitiva, negando sua existência. Dependendo da aprovação formal de outros médicos, muitos receavam a adoção explícita da homeopatia. Mesmo com essa perspectiva, considera-se que as opções “perdedoras” também devem ter sua voz resgatada pela historiografia, para que possamos entender, inclusive, como certos preconceitos se formaram e permaneceram.